



Rua Rui Barbosa, 724 Centro/Sul
Fone: (86) 2106-0606 • Teresina – PI
Site: www.procampus.com.br
E-mail: procampus@procampus.com.br

GRUPO EDUCACIONAL PRO CAMPUS

Aluno(a) _____

2º Ano - Ensino Médio

TURMA _____

MANHÃ

PROF. ROSIANE

ATIVIDADE DE RECUPERAÇÃO - REDAÇÃO

A IGUALDADE DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Texto 1

São Paulo, 24 jun (EFE).- A campanha mundial lançada pelas Nações Unidas para promover a luta contra a desigualdade de gênero chegou nesta quarta-feira ao Brasil, onde especialistas denunciaram a discriminação, a violência e o assédio que as brasileiras sofrem.

Com o tema “Se não eu, quem? Se não agora, quando?”, especialistas ressaltaram a urgência de uma transformação social em todos os níveis devido aos poucos avanços conseguidos até o momento

A diretora regional da ONU Mulheres para as Américas e o Caribe, Luiza Carvalho, destacou que as medidas implementadas no Brasil nos últimos anos contribuíram para o progresso entre as mulheres mais pobres.

“Estas políticas que buscam a universalização estão tendo impactos positivos e, embora ainda haja muito a fazer, a desigualdade salarial diminuiu 9% em uma década, um recorde que nenhum outro país no mundo tem”, acrescentou Carvalho. De acordo com a especialista, o setor privado tem também uma grande responsabilidade neste sentido, já que, para ela, deve garantir mais igualdade nos salários, acabar com a discriminação no acesso ao trabalho e ampliar as oportunidades de ascensão para postos superiores.

Quanto à política, Carvalho defendeu as cotas para mulheres e denunciou que a baixa participação femininas é “inaceitável”, sobretudo se comparada com outros países, como a Bolívia.

Após as eleições de outubro no Brasil, o número de deputadas subiu de 45 para 51 na Câmara (10% de representação) e o de senadoras de 12 para 13 (16%). Os especialistas ressaltaram que, a cada dois minutos, cinco brasileiras sofrem algum tipo de assédio e fizeram um pedido para que os homens se somem à luta contra a desigualdade de gênero.

Texto 2

Igualdade de gênero não será conquista espontânea, diz Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil. A desigualdade de gênero no mercado de trabalho, no Brasil e no mundo, existe desde o dia em que a primeira mulher conseguiu o primeiro emprego. No país, a diferença salarial, que revela apenas uma das facetas do problema, mostra que elas ganham, em média, 73,7% do benefício recebido pelos homens, segundo dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada no fim do ano passado. Tal abismo tem diminuído ao longo do tempo, mas só será efetivamente extinto com a adoção de políticas públicas e outras ações afirmativas. Esta é opinião de Nadine Gasman, representante do Escritório da ONU Mulheres no Brasil. “Se for pela vontade espontânea, ou pela consciência, demoraremos mais 80, 100 ou 200 anos para atingir a igualdade”, afirmou, em entrevista ao site de VEJA.

Além da questão salarial, quais são as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho?

As mulheres têm lutado para entrar na vida pública. Temos ampliado nossa participação não apenas na educação básica, mas também superior, inclusive superando a presença masculina. Mas quando elas entram no mercado de trabalho, as oportunidades não são as mesmas – elas ingressam com salários menores e ainda têm de enfrentar diversos preconceitos de empregadores privados. A sociedade ainda não criou todas as estruturas para garantir uma vida produtiva fácil e igualitária entre homens e mulheres.

Quais são os preconceitos ainda enfrentados pelas mulheres no âmbito do trabalho?

Os preconceitos típicos. O primeiro é o que diz que contratar mulheres é mais caro. Você escuta isso o tempo todo, relacionado à gravidez, a possíveis ajustes no ambiente de trabalho, entre outras coisas. Conforme subimos na escala laboral, acentua-se a questão da competição. Em cargos de chefia, as questões subjetivas ganham espaço. Em geral, os chefes falam que as mulheres são trabalhadoras, delicadas, não se corrompem, etc., mas “tem filhos”, “podem engravidar”, entre outras questões que são usadas contra a mulher, motivadas pela competição. Isso sem falar do racismo. Mesmo que as mulheres tenham uma boa formação, quando miram o topo da pirâmide de empresas privadas, elas tendem a ganhar menos que os homens. Isso em um país em que há pouca quantidade de mulheres no comando de grandes empresas, como diretoras e CEOs. E, a tirar pela experiência internacional, à medida que se tem mais igualdade de gênero nos negócios, as economias tendem a ser mais dinâmicas e competitivas. Dados do Fórum Econômico Mundial reforçam essa tese.

Quais são os recentes avanços conquistados pelas mulheres no país?

Há cada vez mais mulheres bem formadas, informadas e capacitadas. Há uma massa crítica competente saindo das universidades. O número é cada vez maior de mulheres no ensino superior. Precisamos, agora, que o mercado laboral esteja aberto e preparado para recebê-las em condições de igualdade em relação aos homens.

Os homens ainda estão à margem da luta por igualdade de gênero?

Sim. É bastante cômodo para eles ficar à margem dessas questões. E não porque não tenham oportunidade ou porque nunca ouviram falar sobre a questão. Eles acham que é um problema das mulheres. Tem que ter uma movimentação social, de homens e mulheres, para que haja uma conscientização de que um mundo mais igualitário é melhor para todos: é maravilhoso para as mulheres, mas também é ótimo para os homens.

Poderia citar exemplos de políticas públicas bem-sucedidas que o Brasil implantou em prol da igualdade de gênero no mercado de trabalho?

Um exemplo bastante importante é o Programa Pró-Equidade de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). A iniciativa faz com que empresas voluntariamente se cadastrem e promovam uma avaliação da situação de gênero no ambiente corporativo. Em um segundo momento, elas formalizam compromissos para melhorar o cenário, e, com isso, ganham um selo de compromisso com a causa. É um programa muito interessante, pois evidencia a questão de gênero e motiva o diálogo entre as empresas participantes.

Qual a perspectiva para o avanço das conquistas das mulheres no mercado de trabalho brasileiro nos próximos quatro anos?

É difícil fazer uma previsão para os próximos quatro anos. Vivemos um momento de turbulência. É fase em que as questões econômicas, que têm um impacto importante para o Brasil, estão se acomodando, em fase de transição. Mas, mesmo assim, sou muito otimista. O Brasil tem uma vocação de políticas públicas. O país consegue manter o foco em esforços para a redução da desigualdade. Se o país conseguir manter esse compromisso, os resultados serão positivos.

Texto 3

Com base nos textos motivadores, escreva um texto dissertativo-argumentativo acerca do tema:
A igualdade de gênero e a contribuição da mulher para o desenvolvimento da sociedade brasileira